

Expresso

SEXTA-FEIRA, 16-JUNHO-1989

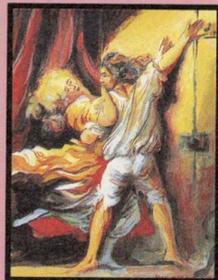
REVISTA

A campanha fantasma



Des(a)tinios libertinos

MANUEL SAN PAYO D'APRESENTAÇÃO



O habita português nunca foi fecundo para a espécie libertina. Em compensação, inventámos o marialva e cultivámo-lo para uso doméstico. Natália Correia e Cardoso Pires têm opiniões sobre a matéria. Ela acha que a libertinagem apaga o fogo da paixão, e defende uma linha romântica, a unir a alma e o sexo. Nunca defendeu Sade. Nada disso. Ele acha o marialva um antilibertino e uma espécie em vias de extinção: e foi a pílula que lhe deu a machadada...

A ASSEMBLEIA da República é um lugar de sombras, uma espécie de Hades onde vogam destros por entre veludos, móveis antigos, jarras chinesas. Um campo donde a exaltação se retirou, deixando para trás um simulacro.

Espero numa sala com arquivos, metais — aqui uma cadeira de rodas não destoaria, encostada a um canto. Lá fora já se vêem azulares de jacarandás e de chofre entra Natália Correia afagando o braço: «Os homens para afirmarem o seu resto de virilidade apertam-me a mão com uma força tal que me magoam, sobretudo agora que tenho reumatismo no ombro». É uma mulher que faz arietes com palavras e os atira longe para defender-se. Mas emana do seu lado, ainda cálido, um suão qualquer que deve ter calcinado muita gente.

Há ou houve mulheres libertinas em Portugal? «A mulher teve sempre um papel passivo, sendo de relegar para a ficção romanesca figuras femininas que desempenharam um papel activo no cenário libertino. Aliás, a natureza feminina é contra a libertinagem, como os românticos perceberam atirando essa filosofia para o domínio da licenciosidade. A cultura de que a mulher é portadora ilumina o ser. E regenera a força anímica que não aceita a uniformização imposta pelo primado da economia. Cabe-lhe um papel decisivo na intensificação

Natália Correia e a paixão

Fátima Maldonado



dos elementos constituintes da paixão — alma, sexo e espírito». E começa a historiar: «É no quadro da cultura eclesial judaico-cristã que a mulher, ligada a ritos residuais dos velhos cultos orgiásticos relacionados com a consagração da fertilidade no ciclo religioso da deusa Mater passa a protagonizar a devassidão que é satanizar a pela Igreja. Antes da ordem patriarcal houve um período de regência feminina, uma fase de promiscuidade sexual a que a mulher põe termo por cansaço — a fase orgiástica».

Exaltar a plena liberdade do ser

O levantamento histórico ergue uma espécie de muralha. Mas Natália, ela, a quem se ligam imagens de excesso, de

deriva? «Nunca dei por isso, tenho a vida mais calma...». Nega, determinada, que os escritores da sua geração tenham sido libertinos e à menção de Manuel de Lima chega a insurgir-se: «Em que é que ele é um libertino?». Começa a explicar: «O que aconteceu é que essa geração teve que fazer duas revoluções, existencial e social, a fim de alterar o sentido da existência domesticada por princípios puritanos. Os neo-realistas ficaram limitados ao conceito meramente social da revolução e foi a isso que eu e os surrealistas nos opusemos. Havia que exaltar o sexo, tudo aquilo em que a liberdade do ser se manifestava. Seríamos libertinos, mas no sentido puro da palavra, genuínos defensores da liberdade».

A sua voz continua reticente, adivinha-se que ainda

não se atirou ao curso das palavras: «Até em Cesariny, que foi o papa do surrealismo em Portugal, não se encontram expressões de libertinagem, mas tão-só a assumpção de uma certa opção sexual. E Luís Pacheco era abjeccionista». David Mourão Ferreira?, insistimos, na esperança de por fim encontrar um libertino. «Ao contrário do que se pensa, o erotismo do David não é só sexual, tem implicações sóficas, espirituais. É ontológico, passa pela cosmização do princípio feminino. A mulher — água, fogo, ar, terra, o lugar sagrado em que todo o mundo se reúne».

Repor o sentido da existência

Natália Correia é uma criatura de exaltação cuja imagem

é feita de desafio. Terá sido liberta ou libertina? «Sou um ser de comunhão, de unidade. Como a cultura tem sido árida em produzir novos valores e descobrir novos caminhos só há uma saída — a paixão. Uma questão emergente, rasgo emancipador e unificador da alma, do sexo e do espírito». Uma espécie de última romântica? «Não sou a primeira. Ouça, eu defendi sempre uma linha romântica, nunca defendi Sade nem nada disso. A libertinagem apaga o fogo da paixão».

Há notícia de que era uma das mulheres mais bonitas de Lisboa e que suscitou muitíssimas. Era ou não uma mulher apaixonada? «É o que é que eu tenho com isso? O problema era deles. Não sou do facto o que se chama uma mulher apaixonada, mas defendo a paixão revolucio-

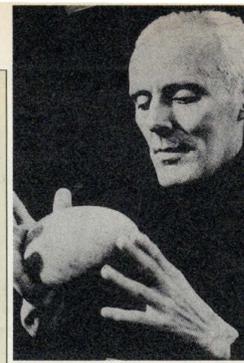
ariamente. Na actual libertinagem dos ilimitados do crescimento, porque se trata de libertinagem económica incidente na despersonalização das pessoas privadas da liberdade de escolher e de agir, a paixão põe-se como uma necessidade de insubordinar a alma que produz um rombo nas racionalizações que desintegram a identidade pessoal ou social». A coisa não é nova, mas o tom é celta: «Importa desenvolver uma cultura da paixão, um neo-romantismo de que há muito eu falo, uma comunhão exaltante que dê plenitude ao ser repondo o sentido da existência. O que é apenas a mensagem dos surrealistas».

Reaprender a sedução

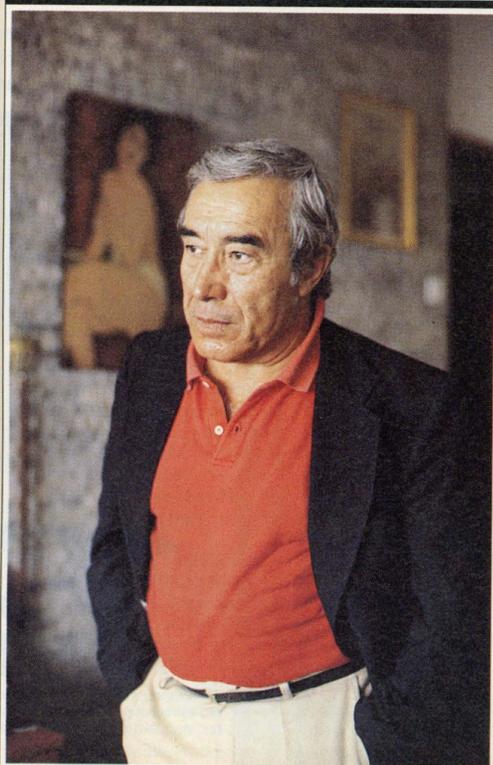
E a libertação sexual, provocou malefícios? «Conduziu a excessos, mas não pode esquecer-se que fez ruir a ideia de que a mulher era apenas reprodutora. Para ela contribuí publicando a Antologia Erótica, e por isso paguei sendo condenada a três anos. Mas o jogo erótico sofreu uma alteração completa. A iniciativa feminina despotencializou o desejo do homem, abalou-lhe a virilidade, desorganizou a sedução». E a saída existe? «Começam a surgir sinais: há uma 'juventude' que quer demarcar-se de certas farsas trágicas, como o retorno à flor de laranjeira, o

aparato, a pompa, retomados por outros jovens envelhecidos». De quem será a culpa? «Também dos escritores. A literatura ocidental é apenas o espelho passivo do quotidiano. Não ousa, não rasga, não produz uma cultura emancipadora. Perdeu a dimensão reveladora que desoculta o que ainda se desconhece. E é isso que dela exige». Há um silêncio, e depois: «Sabe, eu acho que os países socialistas têm qualquer coisa para nos dar. O Walesa, quando veio à Europa, espantou-se muito e farteu-se de perguntar: 'Mas em que é que vocês acreditam?' Os deuses morreram e até agora não foram substituídos. No seu lugar ficou um grande vazio que a literatura se limita a reflectir».

Natália Correia é uma mulher de carisma, que de visita à Madeira há vinte e tal anos os rapazes do Comércio do Funchal quiseram raptar. Para falarem sobre literatura, obviamente... Mas ela quis antes saber se conheciam alguma casa assombrada. E foi uma noite mágica, que ainda hoje recorda de olhos brilhantes. «Vivemos um tempo desilético — exaltado e depressivo — e nós estamos na área do mundo que convidava à depressão. A única saída é o romantismo e a paixão. A mulher cabe-lhe voltar a exercer a sedução, que terá de reaprender. Eu defendo essa aprendizagem».



Natália: «Até em Cesariny, que foi o papa do surrealismo em Portugal, não se encontram expressões de libertinagem. E Luís Pacheco era abjeccionista. O erotismo de David Mourão Ferreira não é só sexual, tem implicações sóficas, espirituais»



O HABITAT português nunca foi muito fecundo na criação da espécie libertina. Algumas tênues e raras amostras, como o Cavaleiro de Oliveira e D. Luís da Cunha (ambos do século XVIII) são excepções para uso dos eruditos. A libertinagem não nasce de geração espontânea. Necessita de um solo de racionalidade, de espírito frio e de todo um sistema de pensamento que, em definitivo, nunca prosperaram ao longo da nossa História.

Em compensação, inventámos o marialva e cultivámo-lo para uso doméstico. A sua importância social é (foi) grande, mas em termos artístico-literários nunca ganhou um estatuto honroso. Alguma iconografia sobre o tipo marialva é sempre irónico-satírica e a pouca literatura que o representa não o tem em grande consideração. Destituído de dignidade e de legitimação artís-

Cardoso Pires e o Marialva

António Guerreiro

tica, o marialvismo só pôde prosperar à sombra de outros valores. «Do homem a praça, da mulher a casa». Este enunciado pertence a D. Francisco Manuel de Melo na Carta de Guia de Casados, que é o primeiro e mais acabado catecismo da atitude marialva «avant la lettre». Porque o conceito propriamente dito só surge em 1960 na Carti-

lha do Marialva, de José Cardoso Pires (José Bachelard já tinha utilizado a palavra em 1939), autor que, de resto, integra alguns marialvas entre as personagens mais representativas dos seus romances. «O marialvismo, começa por nos dizer Cardoso Pires não é um tema muito actual. Porque o marialva é uma espécie em extinção

iremos ver porquê. Tal como o defino, o marialva é o antilibertino». A diferença cidade/campo é o primeiro critério desta oposição: «O libertino é um homem de espírito citadino. O marialva tem uma mentalidade eminentemente rural. Pode viver em Lisboa, mas cultiva com grande orgulho e ostensão a sua origem rural. E manifesta-os usando expressões e uma sintaxe camponesas. Porque a sua essência tem a ver com uma organização religiosa e mítica, com um princípio de 'pax ruris', que procura no campo as suas verdadeiras motivações. É essa origem rural que dita os valores que ele defende: a superioridade sobre a mulher, o direito à propriedade, a organização paternalista do trabalho, o conceito de autoridade paternalista. Se o libertino é uma espécie em extinção, o marialva

(Continua na página 16-R)

